

RESENHA: UM INVENTÁRIO DO BRASIL POPULAR

AN INVENTORY OF POPULAR BRAZIL

Gabriel Borges Souza¹

SIMAS, Luiz Antônio. Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. 256 p.

Nas linhas que seguem, pretendemos apresentar de forma concisa e com olhares apurados, uma das obras que compõem o acervo de produções historiográficas sobre a cultura popular brasileira, publicada pelo professor e historiador Luiz Antônio Simas (Rio de Janeiro, 1967). Ao longo do texto, tratarei o autor pelo seu sobrenome Simas. Simas é Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1994), além de professor da Educação Básica no Estado do Rio de Janeiro e autor de diversas obras que se debruçam sobre as práticas culturais populares brasileiras e religiões de matrizes africanas². Fortemente influenciado pelas teorias do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), fica nítida a intenção de Simas em “*escovar a História a contra pelo*” na construção de seus trabalhos.

Indo na contramão dos tradicionais moldes acadêmicos, entretanto atento à importância do uso de teorias e métodos na tessitura de sua produção historiográfica, nota-se na robusta produção acadêmico-literária de Simas que suas principais obras estão muito afinadas com estudos desenvolvidos por pesquisadores que ficaram conhecidos por escrever uma “*história vista de baixo*” na Inglaterra da metade do século XX³. Nomes que se tornaram conhecidos como fundadores da corrente historiográfica

¹ Paraense de Belém. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPHIST-UFPA, 2024). Pós-Graduado em Africanidades e Cultura Afro Brasileira pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera (2023). Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade da Amazônia (UNAMA, 2020). Realiza pesquisas voltadas para círculos intelectuais de entresséculos (XIX-XX), tratando sobre a crítica de arte, imprensa e artes visuais. Contato: gabrielsouza091@yahoo.com.br

² Algumas de suas obras que tomaram notoriedade são: “*História Social do Samba*”, 2015. “*O Corpo Encantado das Ruas*”, 2019. “*Arruaças: uma filosofia popular brasileira*”, 2020.

³ De viés marxista, a História Social Inglesa é uma corrente teórica amplamente utilizada pelos historiadores contemporâneos. Através dos diálogos nas salas e corredores da Universidade de Oxford, às páginas da revista “*Past and Present*”, emergiram os principais textos e debates envolvendo o que ficou conhecida como “*História vista de baixo*”. Suas principais abordagens deixam a margem os “grandes nomes da história”, e trazem das margens para o centro do debate: trabalhadores, mulheres, costumes do cotidiano, etc. com olhar apurado para agentes que foram silenciados durante diversas análises de processos

denominada História Social Inglesa, como Raymond Williams (1921-1988) e E. P. Thompson (1924-1993) são alguns, entre tantos autores, que influenciaram diretamente no feitiço dos trabalhos publicados por Simas que em suas obras também luta “*contra o peso das ortodoxias predominantes*” (Thompson, 1987, p. 12). A obra “*Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular*” é fruto desse cruzamento de teorias e métodos da historiografia social e cultural, que traz a tona: agentes silenciados, práticas da cultura popular, ritos religiosos e conflitos sociais que ocorreram ao longo da História do Brasil, até aqui.

Tratando do *corpus* do livro, é importante enfatizar algumas estratégias literárias as quais Simas utilizou para tornar seu texto mais dinâmico e interativo para os leitores. Em suma, o livro está dividido de forma convencional. Há, no início da obra, um prefácio intitulado “*Brasil: Um prato cheio para cultura*”, que pode ser interpretado como uma espécie de convite à leitura feito pelo próprio autor que apresenta aos leitores o que poderão encontrar nas páginas seguintes de seu *Almanaque*. Desta forma, foi organizado pelo autor quatro macro capítulos (*I – Fé e Festa, II – Gentes do Brasil, III – Guerras do Brasil e IV – Mitos, encantos e Assombrações*), além de um anexo intitulado “*Dicas de leitura*”, que servem para que Simas possa discorrer sobre as temáticas que compõem a obra. Sobre as estratégias literárias citadas anteriormente, saltam aos olhos do leitor cinco subtópicos que tornam o *Almanaque* mais interativo e informativo. Apresentaremos cada um deles⁴.

O primeiro subtópico que o leitor depara-se, logo na página 13 do *Almanaque* é intitulado “*Curiosidade*”. Esta estratégia literária utilizada por Simas trata-se de pequenos trechos que trazem como conteúdo algumas curiosidades que estão envoltas pelas práticas culturais, agentes históricos, as guerras e os mitos do imaginário popular os quais o autor nos apresenta ao longo de sua obra⁵. O segundo subtópico que encontramos no *corpus* da obra foi intitulado “*Para Saber Mais*”. Trata-se de um pequeno

históricos. Alguns dos nomes expoentes da corrente teórica são os ingleses: Eric Hobsbawm (1917-2012), E. P. Thompson (1924-1993) e Raymond Williams (1921-1988). Para mais ver: POMAR, V. Sobre História, de Eric Hobsbawm. **História Social**, 4(4/5), 215–220. <https://doi.org/10.53000/hs.v4i4/5.114>.

⁴ Os títulos dos subtópicos que compõem a obra aparecem na presente resenha em itálico, no intuito de diferenciá-los das demais palavras do texto.

⁵ No capítulo I, por exemplo, ao contar a história dos três Santos Juninos (Santo Antônio, São João e São Pedro), Simas abre um subtópico “*Curiosidade*” para contar ao leitor a diferença que há nas fogueiras que são acesas para homenagear os três Santos. Conta Simas que o rito da fogueira remete a Idade Média. Para o autor, as fogueiras foram uma estratégia utilizada pela Igreja Católica para redefinir os ritos do fogo que marcavam o solstício das festas das colheitas herdadas do paganismo. Desta forma, na tradição popular, as fogueiras devem ser feitas de formas diferentes: a de São João deve ter base arredondada, a de Santo Antônio deve ser quadrada, e a de São Pedro, triangular. SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. P. 45-46.

espaço que Simas reservou para recomendar diversas produções artísticas que representam os agentes, os ritos, ou as práticas culturais que seu *Almanaque* traz à tona. São indicados filmes, sambas-enredos e obras literárias que podem auxiliar o leitor a se imergir mais profundamente neste ou naquele assunto tratado⁶.

Considerando que a cultura brasileira é formada por elementos muito diversos que acabam se complementando, Simas não deixou de fora de seu *Almanaque* os cheiros e sabores que são responsáveis por tornar a culinária brasileira extremamente peculiar. “*É de dar água na boca*”, é outro subtópico que o autor reservou para apresentar elementos culinários, além de receitas, que são preparadas para as celebrações de algumas festas religiosas, ou como elementos típicos da culinária de algumas regiões do Brasil⁷.

Embora atualmente os debates historiográficos tendam a se desprender das datas oficiais como marcos temporais, ou abram mão de tratá-las como dias a serem celebrados, devido serem remetidas a grandes feitos históricos, Simas utiliza em seu *Almanaque* um calendário próprio que marca algumas efemérides que são importantes para a cultura popular brasileira. No subtópico intitulado “*Que dia é hoje?*” Simas se propõe a nos apresentar algumas datas as quais julga importante, seguindo a cronologia do calendário apresentado no verso da capa de sua obra. A capa do livro transforma-se em um calendário que, cronologicamente, apresenta aos leitores as datas e efemérides mais importantes para a cultura popular brasileira, segundo a perspectiva do autor. No dia 13 do mês de janeiro, por exemplo, Simas marca a data do fuzilamento de Frei Caneca, um dos líderes do movimento que ficou conhecido como Confederação do Equador, durante o Oitocentos. No calendário do autor, também são apresentadas datas como o dia 04 de maio, dia da morte do sambista Noel Rosa, e o dia 25 de setembro, dia em que chegou

⁶ Como exemplo, podemos citar o filme “*Natal da Portela*”, de 1988, dirigido por Paulo César Saraceni. Ao contar a história do sujeito Natal, que ficou conhecido no Rio de Janeiro da metade do século XX por fazer a junção entre duas práticas culturais muito brasileiras, o carnaval e o jogo do bicho, Simas recomenda a produção cinematográfica para que os leitores conheçam mais sobre o agente, assim como, sobre o cotidiano dos subúrbios do Rio de Janeiro no contexto, a partir da trajetória de Natal. SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. P. 132.

⁷ No capítulo I, Simas conta a história do Círio de Nazaré, procissão que ocorre anualmente no segundo domingo do mês de outubro, na cidade de Belém do Pará. Considerando as festas que ocorrem na cidade de Belém durante o período do Círio, e as tradições culinárias que são envoltas pela prática cultural, Simas também apresenta elementos da culinária paraense que têm características predominantemente indígenas. É DE DAR ÁGUA NA BOCA apresenta aos leitores a maniçoba, prato feito com a folha venenosa da maniva. A maniçoba é retratada por Simas como uma “feijoada paraense” que deve ser degustada com pimenta de cheiro a gosto e farinha de mandioca. O prato é tradição nos almoços que festejam o Círio de Nazaré. SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. P.23.

aos palcos dos teatros a peça “Orfeu da Conceição”, versão que Vinícius de Moraes e Tom Jobim deram para o mito grego de Orfeu e Eurídice.

Podemos observar que todos os subtópicos ou “estratégias literárias” apresentadas até agora trazem informações que embasam e incrementam a argumentação e, concomitantemente, os textos escritos por Simas nos capítulos de seu *Almanaque*. Porém, “*Gente sabida*”, um pequeno subtópico que aparece diversas vezes ao longo da obra, aparenta ter uma função diferente dos demais. Simas tratou de selecionar diversas frases célebres dos mais variados agentes que compõem a História do Brasil, indo de literatos como Machado de Assis e Guimarães Rosa, a sambistas como Noel Rosa e lideranças que representam as lutas dos povos originários brasileiros, como é o caso do Cacique Samado Santos, índio Pataxó Hã Hã Hãe. Deste último, em “*Gente sabida*”, Simas utilizou a frase: “*Eu sirvo até de adubo para minha terra, mas dela não saio*”.

Sem mais delongas, agora nos debruçaremos sobre os quatro capítulos que dão corpo ao *Almanaque Brasilidades*. Tendo em vista a extensão dos capítulos da obra, faremos uma síntese de cada um deles, no intuito de apresentar aos leitores da presente resenha o que poderão encontrar ao lerem o *Almanaque*. No primeiro capítulo, intitulado “*Fé e Festa*”, Simas se propôs a apresentar aos leitores diversas representações, ritos e celebrações que compõem as crenças populares brasileiras. Enfatizando a zona de interseção na qual a fé e as crenças do povo brasileiro foram sendo construídas historicamente, com um sincretismo religioso acentuado. O autor trata de apontar aos leitores celebrações religiosas das três matrizes culturais que foram responsáveis por construir a cultura brasileira: a indígena, a da diáspora africana e a do colonizador europeu.

Desta forma, Simas organizou o capítulo dividindo-o em 20 subcapítulos que tratam sobre Santos do Catolicismo Romano, festas de Santos à brasileira, práticas religiosas afro-brasileiras, além de ritos e crenças indígenas⁸. Além disso, Simas utilizou os subtópicos apresentados anteriormente, para incrementar sua obra com receitas culinárias que estão presentes nas festas religiosas brasileiras, ou com indicações de obras literárias e produções artísticas como filmes, sambas-enredos ou documentários que se dedicaram em reproduzir as práticas religiosas as quais o autor selecionou para compor sua obra.

Pudemos observar que, muito provavelmente por afinidade, Simas tratou de enfatizar o

⁸ Os 20 subcapítulos citados são os seguintes: *Festa de Reis; Congadas; Círio de Nazaré; Festa de Nossa Senhora dos Prazeres; Festa da Penha; Dança de São Gonçalo; São Longuinho; São Brás; Os Santos Juninos; Santo Antônio, São João e São Pedro; O Kuarup; Festa de Dois-Dois; Toques e Tambores; Fé no Carnaval; Fé no Funk; Os Reinos do Catimbó; Encantarias; As Faces do Guerreiro; O Axé das Comidas de Santo.*

sincretismo religioso existente na cultura brasileira entre os Santos Católicos e as representações das religiões de matrizes africanas. Apenas dois subcapítulos se ocuparam de retratar práticas religiosas indígenas, como o Kuarap e as Encantarias. Desta forma, a ausência de histórias envolvendo práticas religiosas indígenas, nos faz sublinhar que o autor poderia ter expandido seu leque de pesquisas para contemplar de forma mais ampla sua obra. No mais, “*Fé e festa*” é um capítulo muito elucidativo para leitores e pesquisadores que pretendem se aprofundar no estudo de festejos religiosos, hagiografias ou até mesmo nas práticas da cultura popular que estão atreladas a religiosidade.

Fé e festas não podem ocorrer sem os corpos que dançam, se reúnem e as celebram. Aliás, não se escreve História sem o protagonismo humano⁹. Foi seguindo os preceitos da historiografia contemporânea que Simas escreveu o segundo capítulo de seu *Almanaque*, intitulado “*Gentes do Brasil*”. No segundo capítulo da obra, o autor se ocupou em nos apresentar 20 agentes, entre mulheres e homens, alguns talvez fictícios, mas outros até muito conhecidos, que, segundo sua análise, tiveram grande relevância na História do Brasil¹⁰. O *Almanaque Brasilidades* está longe de apresentar aos leitores nomes célebres da História. Muito pelo contrário. As biografias escritas por Simas no segundo capítulo de seu livro nos mostram que o autor, para além dos arquivos e dos documentos oficiais, soube passear pelas calçadas e ouvir histórias de gentes comuns. Alguns desses agentes que o autor apresenta têm data de nascimento e morte marcada. Outros são conhecidos por histórias contadas ao longo do tempo e se perpetuaram no imaginário coletivo de dadas regiões do Brasil. Nesse sentido, o autor consegue tratar tais agentes como sujeitos ativos na construção de sua própria história, dando sentido a estes atores, não

⁹ Tal análise rememora o trecho célebre de Marc Bloch: “(...) o objeto da História é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou máquinas], por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a História quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja a carne humana, sabe que ali está a sua caça”. BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁰ Os 20 agentes são apresentados, respectivamente, em 20 subcapítulos. São eles: *O Abc de Jesuíno Brilhante*; *Nascimento Grande*; *Sabina das Laranjas*; *Rondon, o Desbravador*; *Gilberto Freyre e a Sociologia do Doce*; *Momo: O Filho da Noite e do Sono*; *Rui Barbosa, a Música Popular e o Futebol*; *Francisco Carregal, o Negro que Jogou Bola*; *Carolina Maria de Jesus: O Livro é o Mundo*; *Arthur Bispo do Rosário e o Manto Divino*; *Cordelistas e Cantadores*; *Benzedeiras e Rezadeiras*; *Natal da Portela*; *Mães do Samba*; *Mestre Darcy do Jongo*; *Mulheres Rendeiras*; *Lia de Itamaracá*; *Um Almirante nas Ondas do Rádio*; *Dona Bárbara, a Revolucionária*; *Chacrinha, o Velho Palhaço*.

como subalternos, mas como protagonistas. Natal da Portela¹¹, Lia de Itamaracá¹², Dona Bárbara, A Revolucionária¹³, Nascimento Grande¹⁴. Simas conta histórias de vidas que nos levam a compreender de que maneira devemos observar os sujeitos no percurso da História: direcionando nossos olhares para as frestas.

Alegando que há uma espécie de “mito apaziguador” que trata a História do Brasil como detentora de um processo de construção pacífico, o autor aproveita o fio condutor do segundo capítulo de sua obra (que contou histórias de pessoas) para seguir contando narrativas, agora sobre conflitos sociais que se perpetuaram na História do Brasil como atos extremamente violentos, em seus referidos contextos. O terceiro capítulo do *Almanaque* escrito por Simas, intitulado “*Guerras do Brasil*”, apresenta aos leitores alguns motins, guerras e conflitos que ocorreram durante o Brasil colonial, o Brasil império e no Brasil republicano. Simas constrói narrativas que buscam mostrar a organização, a politização e a resistência do povo brasileiro diante de vários conflitos ocorridos, onde a passividade ficou longe de ser protagonista. Desta forma, Simas nos conta as histórias de resistências dos Quimboles¹⁵, assim como de dois motins que eclodiram no Brasil no mesmo período e tiveram desfechos bem diferentes¹⁶, além de

¹¹ Natalino José do Nascimento (1905-1975), conhecido como Natal da Portela foi um sujeito que tomou notoriedade na cidade do Rio de Janeiro na década de 1950 por ser pioneiro em relacionar o carnaval e o jogo do bicho. Com ele, surgiu a figura do “bicheiro do patrono”, depois muito difundida no mundo do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro.

¹² Maria Madalena Correia do Nascimento (1944) ou Lia de Itamaracá, é uma famosa cantora e compositora de cirandas brasileiras. Nascida na Ilha de Itamaracá, Lia de Itamaracá é conhecida mundialmente pela relevância de seus trabalhos musicais. Ganhou o título de Embaixadora de Pernambuco e de Patrimônio do Brasil.

¹³ Bárbara de Alencar (1760-1832) nasceu na cidade de Exu, no Pernambuco. Participou de dois movimentos revolucionários que movimentaram a história Colonial e Imperial do Brasil: a Revolução Pernambucana de 1817 e a Confederação do Equador de 1824. Letrada, escreveu boa parte dos discursos cunhados nos levantes. Em 22 de dezembro de 2014, seu nome foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria Brasileira, pela Lei 13.056.

¹⁴ Simas nos conta a breve história do sujeito José Antônio de Nascimento, conhecido como “Nascimento Grande”. Luís da Câmara Cascudo já havia descrito o sujeito em seu Dicionário do Folclore Brasileiro (1952). “Nascimento Grande” parece ter sido um homem robusto que trabalhava como estivador e ficou conhecido pelas ruas da cidade de Recife por sua valentia. Contam os mais velhos que “Nascimento Grande” era um sujeito pacífico, porém, versado na capoeira de Angola. Todos que conheceram “Nascimento Grande” falam dele como um homem gentil, que odiava injustiças. Algumas estórias de cordel foram escritas contando feitos de “Nascimento Grande”.

¹⁵ O autor apresenta os Quilombos como espaços de resistência e coletividade. Enfatiza que nem só negros fugidos viviam nesses espaços, mas comumente, os Quilombos eram formados por indígenas, brancos pobres e foragidos da lei. Dá ênfase ao conhecido Quilombo do Palmares como um dos maiores Quilombos existentes durante a História do Brasil.

¹⁶ Simas reserva um subcapítulo para tratar de dois motins sociais que ficaram conhecidos, respectivamente, como Cabanagem e Farroupilha. Ambos eclodiram no ano de 1835. A Cabanagem, ocorrida na cidade de Belém do Pará, mas também em regiões como a do Baixo Tocantins e de Santarém, foi um levante realizado por mestiços, indígenas e negros libertos – denominados Cabanos pela moradia em que viviam as margens dos rios – e, segundo o autor, foi a maior rebelião ocorrida na história do Brasil. Os Cabanos reivindicavam melhores condições de vida, além da prerrogativa que a corte tinha de nomear os presidentes das Províncias. O movimento foi duramente coagido, deixando cerca de 30 mil mortos, em sua maioria, Cabanos. Já a Farroupilha, levante ocorrido no Rio Grande do Sul, teve um cunho separatista e foi liderada pelas elites gaúchas que

algumas guerras que ficaram conhecidas na História do Brasil como a do Paraguai (1864-1870) e a de Canudos (1897). Ao todo, dez conflitos são narrados por Simas em seu *Almanaque*¹⁷. Fica nítido, mais uma vez, a afinidade com a história social nos textos do autor ao tratar dos conflitos. Fugindo dos maniqueísmos e muito bem apoiado pela bibliografia visitada, Simas nos mostra conflitos que ocorreram em um país que esteve longe de ser pacífico, protagonizados por um povo que parecia saber bem o lugar que ocupava e os limites do que aceitava.

Por fim, Simas não poderia terminar seu *Almanaque* sem falar do folclore brasileiro, que sempre se mostrou muito vasto na composição de seus mitos, credences e lendas populares. O quarto e último capítulo da obra *Almanaque Brasilidades*, intitulado “*Mitos, Encantos e Assombrações*”, apresenta aos leitores alguns destes elementos que são largamente reverberados e se perpetuaram no imaginário coletivo da sociedade brasileira. O autor selecionou onze estórias de lendas e mitos para mostrar aos leitores da obra que o folclore brasileiro vai muito além das tradicionais lendas de personagens como o Curupira ou o Saci Pererê¹⁸. Simas, mais uma vez, passeia Brasil adentro para ouvir, desta vez, estórias contadas de boca em boca, mas que também se caracterizam como fios que constroem as teias da cultura brasileira. Talvez, para os acadêmicos mais tradicionalistas, o quarto capítulo do *Almanaque* de Simas esteja muito distante dos moldes científicos os quais estão acostumados a lidar. No entanto, pessoalmente falando, enxergo a análise do autor acerca das lendas brasileiras realizada no final de sua obra muito acertada, visto que dialoga com outras ciências, como a antropologia, e perpassa pela história das mentalidades, muito trabalhada pelos historiadores franceses que escreviam para a *Revista dos Annales*.

Em suma, o livro *Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular* deve ser considerado uma obra de entrada para aqueles que desejam se debruçar em leituras mais condensadas sobre a cultura popular brasileira. Simas não abre mão do uso de teorias e métodos que, certamente, aprendeu nos bancos da Universidade. Constrói suas narrativas utilizando-os e dando embasamento as

criavam gado e produziam charque e que acabaram ficando revoltadas com o governo brasileiro que taxou o charque gaúcho e criou incentivos para a importação do charque platino. Conta Simas que os Cabanos foram perseguidos torturados e mortos, já os fazendeiros farrapos tiveram direito a uma missa de defuntos em sua homenagem com a presença de representações do Estado brasileiro. Simas termina o subcapítulo com a seguinte indagação: “Um país, dois pesos, duas medidas?”. SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018. P. 184.

¹⁷ São eles: *As Guerras Guaraníticas*; *Quilombos*; *A Guerra dos Sertanistas de Contrato*; *A Guerra do Paraguai*; *Cabanos e Farrapos*; *Canudos e o Beatinho*; *A Guerra Para Francês Ver*; *A Sedição de Juazeiro*; *A Cidade Contra a Vacina*; *A Batalha das Toninhas*; *A Guerra da Lagosta*.

¹⁸ As lendas e mitos contados por Simas nos subcapítulos são: *Encruzilhadas*; *A Onça-Borges*; *A Onça Cabocla*; *O Capelobo*; *Para a Lua Voltar*; *O Segredo Da Salamanca do Jarau*; *A Gralha Azul*; *O Minhocão do Pari*; *Bumbas e Barbatões: Bois que Dançam e Brigam*; *Meninos Maus*; *A Viagem da Nau Catarineta*.

suas pesquisas. Além disso, é detentor de uma escrita elogiável, que pode ser feita pelo mais amplo público. O que fica nítido, ao término da leitura do *Almanaque* é que Simas sai da Universidade e dos arquivos, para encarnar um “historiador das calçadas” que transitando entre gentios, virando esquinas, ouvindo histórias e estórias, se qualificou como um sujeito compromissado com o que escreve e na feitura de uma História Social por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

Pomar, V. (2010). Sobre História, de Eric Hobsbawm. **História Social**, 4(4/5), 215–220.

SIMAS, Luiz Antônio. **Almanaque Brasilidades: Um Inventário do Brasil Popular**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I: A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.